

Relatório Anual 2017

Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia



USAID
DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS

SUMÁRIO

03

APRESENTAÇÃO

04

BIODIVERSIDADE
NA AMAZÔNIA

06

USAID/BRASIL

08

O QUE É PCBA

09

PARCERIAS



10

ALINHAMENTO COM O
ARPA

12

ÁREA DE ATUAÇÃO

15

RESULTADOS

16

CONSOLIDAÇÃO DE ÁREAS
PROTEGIDAS



18

MELHORIA DE CONDIÇÕES
SOCIOECONÔMICAS

Pesca Sustentável do Pirarucu

22

PARCERIAS TRANSVERSAIS,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Tecnologia Aplicada

27

EQUIPE USAID/BRASIL

APRESENTAÇÃO



Foto: Arquivo USAID/Brasil

A Parceria para a Conservação da Biodiversidade na Amazônia (PCBA) é um compromisso entre o povo dos Estados Unidos e o povo brasileiro na forma de um programa conjunto de cinco anos pela conservação da biodiversidade na região. As parcerias se dão entre instituições-chave dos dois países, entre comunidades locais, empresas privadas e líderes da área de conservação na forma de ONGs respeitadas, que estão ajudando a definir o caminho a seguir na gestão de Áreas Protegidas e no monitoramento da biodiversidade – uma área em que o Brasil é líder global.

Em 2017, o território de atuação da rede de parceiros da PCBA chegou a 56 milhões de hectares, beneficiando economicamente mais de 4 mil pessoas de forma direta e outros milhares indiretamente. Queremos que esta rede se expanda nos próximos anos e colabore cada vez mais para fazer frente ao desafio de conter as ameaças à maior floresta tropical do mundo - que perdeu 20% de sua cobertura nos últimos 50 anos.

Em dezembro de 2017, colaboramos na formação da Plataforma de Parceiros pela Amazônia

(PPA), constituída por empresas do setor privado comprometidas em investir responsávelmente na sustentabilidade da Amazônia e trabalhar em conjunto com lideranças comunitárias. Apenas ampliando o potencial da economia sustentável é que será possível contrabalançar os perigos advindos da exploração predatória de recursos naturais.

A PCBA também foi concebida para complementar e alinhar-se com os objetivos do Programa Áreas Protegidas da Amazônia (ARPA) – programa de conservação de florestas tropicais de maior sucesso no mundo, que já alcançou a meta de proteger 60 milhões de hectares. Em nome do povo dos Estados Unidos, parabenizamos a liderança brasileira nesta tarefa, que sabemos ser imensa. Soluções coletivas, com atores de todo o espectro, podem fazer frente aos desafios financeiros, logísticos, geográficos e demográficos e a USAID/Brasil está comprometida a dar todo o apoio possível para vencê-los.

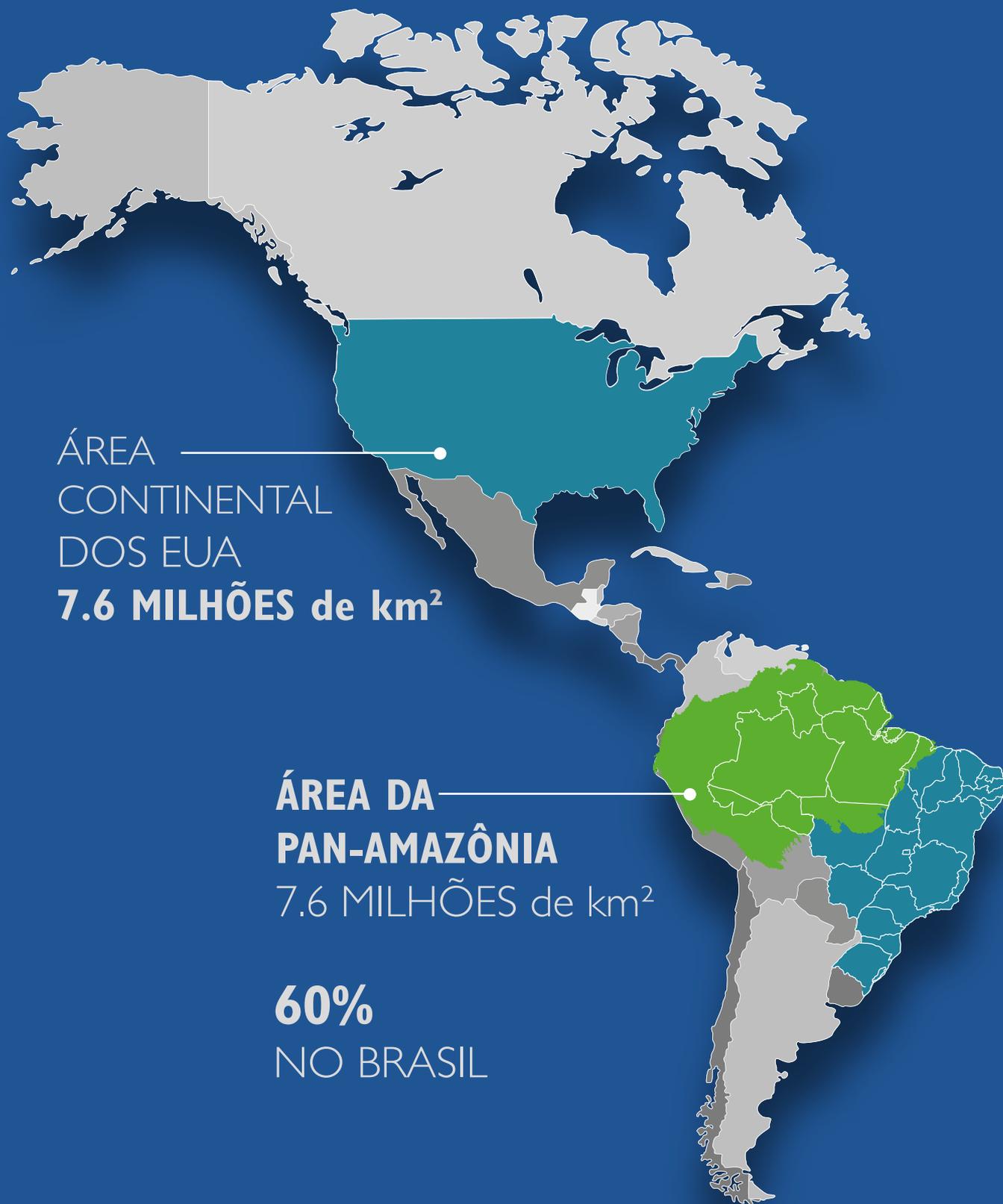
Em nossos projetos de desenvolvimento de cadeias de valor para produção sustentável vemos produtores enfrentando desafios que vão de fazer seus produtos chegarem ao mercado, a obter preços que permitam sua subsistência. Vemos um grande potencial de abertura de novos mercados para produtos com certificação de origem amazônica. E acreditamos que este potencial pode servir às comunidades amazônicas de hoje e de futuras gerações. Representando o povo dos Estados Unidos, é um prazer e uma honra poder colaborar de perto com as lideranças e com os brasileiros, especialmente na Amazônia, para enfrentar essas ameaças e lutar por um futuro sustentável para os povos da floresta.

Michael Eddy

Representante da Missão da USAID/Brasil

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

BIODIVERSIDADE NA AMAZÔNIA

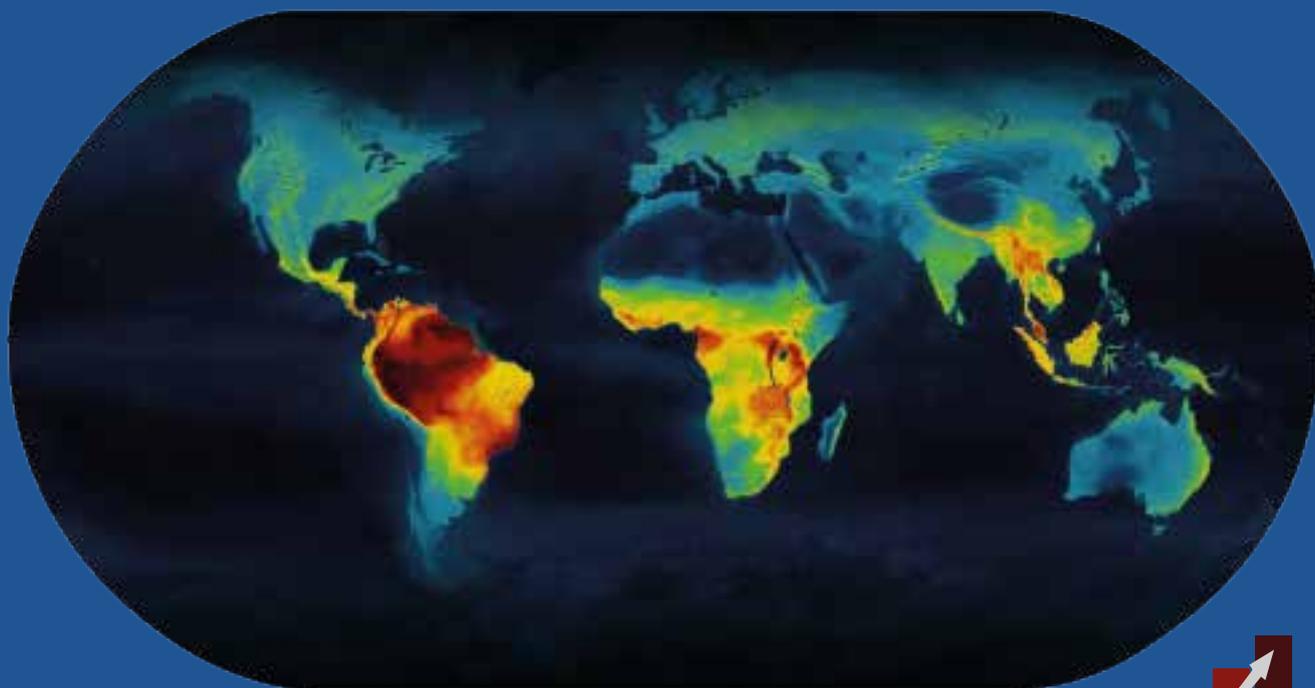


ÁREA
CONTINENTAL
DOS EUA
7.6 MILHÕES de km²

ÁREA DA
PAN-AMAZÔNIA
7.6 MILHÕES de km²

60%
NO BRASIL

Maior floresta tropical do mundo também tem a maior biodiversidade



Mapa: Globalia, Saving Species and IUCN



Níveis de Biodiversidade

10% DE TODAS AS ESPÉCIES ESTÃO NA AMAZÔNIA



472
MAMÍFEROS



40.000
PLANTAS



1.294
PÁSSAROS



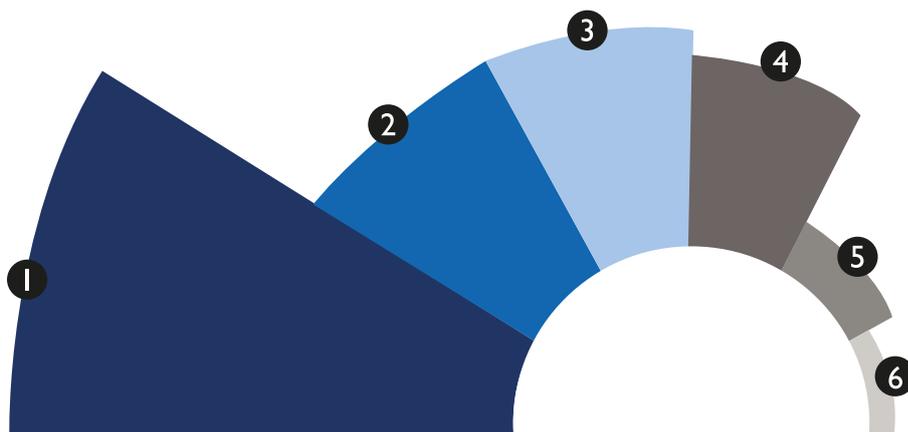
6.500 ESPÉCIES
DE ÁRVORES
(Em comparação com 650
na América do Norte)

U S A I D

B R A S I L

é a primeira
Missão de
Parcerias
Estratégicas

**Áreas Protegidas
apoiadas pelo PCBA**



01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

A representação da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) no Brasil é a primeira de Parcerias Estratégicas. A transição do modelo tradicional de assistência começou em 2014, com o reconhecimento de que o Brasil já não precisava de ajuda humanitária e havia se tornado um líder no enfrentamento dos desafios globais de desenvolvimento. Ao passar para a condição de país doador, o Brasil passou a aplicar sua experiência doméstica em redução de pobreza na parceria com os EUA (cooperação trilateral) em outras partes do mundo.

Dentro deste novo contexto, o maior programa conjunto é a **Parceria para Conservação da Biodiversidade na Amazônia (PCBA)**. Firmada entre a USAID/Brasil e a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) do Ministério de Relações Exteriores (MRE), e implementada juntamente com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), seu órgão de gestão de Unidades de Conservação federais - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodi-

versidade (ICMBio) e Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a PCBA busca a conservação dos recursos biológicos da Amazônia Brasileira. Isto é executado em linha com as diretrizes do Programa de Áreas Protegidas da Amazônia (ARPA) por meio do fortalecimento dos diversos tipos de Áreas Protegidas, incluindo Terras Indígenas.

A USAID/Brasil, em atividade no país há mais de cinco décadas, funciona como catalisadora de parcerias com o governo brasileiro, com a sociedade civil organizada e com o setor privado em três áreas prioritárias:

Conservação da Biodiversidade:

Junto com parceiros do governo brasileiro e da sociedade civil a USAID/Brasil apoia a conservação da biodiversidade e dos recursos naturais em Áreas Protegidas (Unidades de Conservação e Terras Indígenas) na Amazônia Brasileira, com ênfase em ciência, inovação e em parcerias que impulsionam práticas de conservação, gestão, participação comunitária, e uso sustentável.

Parcerias com o Setor Privado:

Com grandes corporações e empresas de portes diferentes, a USAID busca soluções de desenvolvimento sustentável que auxiliem na conservação da biodiversidade e, historicamente, também nas áreas de educação, qualificação da força de trabalho, geração de renda e proteção de mulheres e jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Cooperação Trilateral:

Parceria com o governo brasileiro para apoiar prioridades em outros países, como redução de pobreza e desnutrição, a exemplo da cooperação para melhoria da produtividade na agricultura e na segurança alimentar em Moçambique, Honduras e Haiti.



Foto: Arquivo/EB

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

O que é PCBA

Programa conjunto com o governo brasileiro para conservação dos recursos naturais e desenvolvimento sustentável na Amazônia

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

Por meio de consultas prévias ao governo brasileiro, em 2014, quando o acordo para a parceria foi assinado, a USAID concordou em colaborar com o Brasil para incrementar os esforços de conservação e de uso sustentável em Unidades de Conservação consideradas prioritárias na Amazônia, em apoiar a implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI) na Amazônia Legal e em auxiliar iniciativas nas áreas de ciência, tecnologia e inovação, além de fomentar parcerias aplicadas à conservação.

Utilizando recursos do orçamento dos EUA reservados pelo Congresso para conservação de biodiversidade, a PCBA apoia projetos e programas que possam gerar modelos e boas práticas replicáveis em outras áreas. Um componente importante desta parceria é o monitoramento e avaliação por intermédio de indicadores uniformes entre todos os parceiros, o que garante o acompanhamento do progresso.

A implementação da PCBA é realizada através do trabalho de sete parceiros principais da sociedade civil e do setor privado que, por sua vez, têm uma profusão de parceiros dentro e fora do governo brasileiro. Essa grande rede tem sido essencial para desenvolver capilaridade e permitir trocas de experiências de sucesso que possam ser adaptadas ou reproduzidas. Os Parceiros Implementadores são: **Serviço Florestal dos Estados Unidos (USFS), Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipê), Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), Equipe de Conservação da Amazônia (Ecam), Natura, Sitawi e Centro Internacional de Agricultura Tropical (CIAT).**

Meta de

25 milhões
de ha

de Áreas Protegidas
fortalecidas

Orçamento de

US\$53
milhões

Vigência de

5 anos

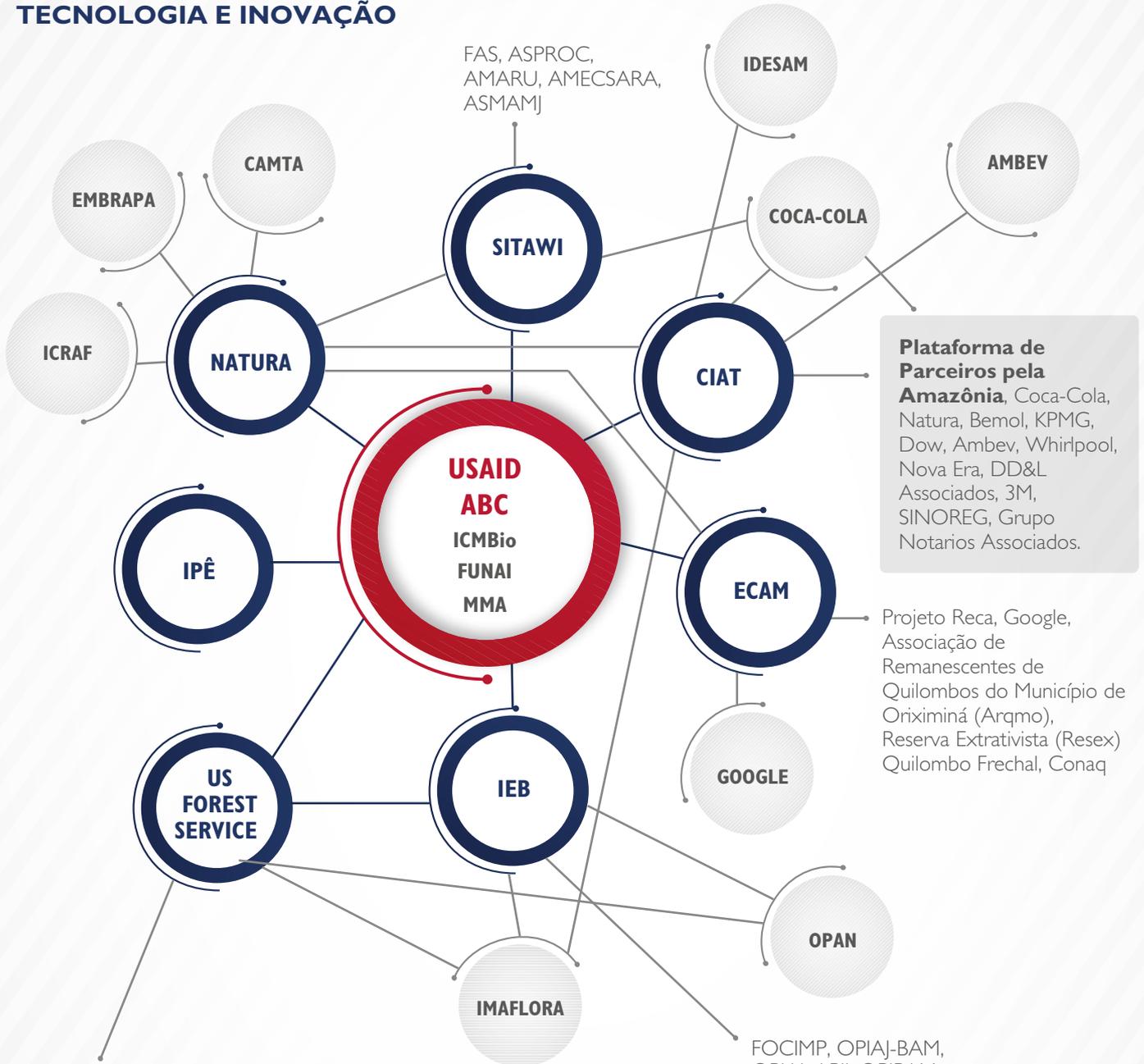
50 milhões
de Ton. de
CO₂

de emissões evitadas

Rede de Parcerias do PCBA

PARCERIAS TRANSVERSAIS, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

MELHORIA DE CONDIÇÕES SÓCIO ECONÔMICAS



Plataforma de Parceiros pela Amazônia, Coca-Cola, Natura, Bemol, KPMG, Dow, Ambev, Whirlpool, Nova Era, DD&L Associados, 3M, SINOREG, Grupo Notarios Associados.

Projeto Reça, Google, Associação de Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (Arqmo), Reserva Extrativista (Resex) Quilombo Frechal, Conaq

Pacto das Águas, Aliança da Terra, Fundação Vitória Amazônica Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Virginia Tech, Colorado State University, West Virginia University University of Montana, National Park Service, Instituto Floresta Tropical, Conservation Strategy Fund, Associação Indígena Doá Txatô (Terra Indígena Rio Branco, Rondônia), Associação dos Seringueiros das RESEX Federal e Estadual do Rio Cautário (AGUAPE), Cooperativa Mista Agroextrativista Sardinha – COOPMAS, Associação dos Agropecuários de Beruri – ASSOAB, Cooperativa Mista Agroextrativista do Rio Unini – COOMARU, Associação de Produtores e Beneficiários, Castanha do município de Amaturá - APROCAM, Cooperativa Verde de Manicoré – COVEMA, Comitê de Desenvolvimento Sustentável de Porto de Moz (CDS), Associação Agroextrativista de Auatí-Paraná (AAPA), Associação dos Seringueiros do Rio Ouro Preto (ASAROP) e Associação dos Seringueiros e Agroextrativistas da RESEX Rio Ouro Preto (ASAEX)

CONSOLIDAÇÃO DE ÁREAS PROTEGIDAS

Alinhamento com o Arpa

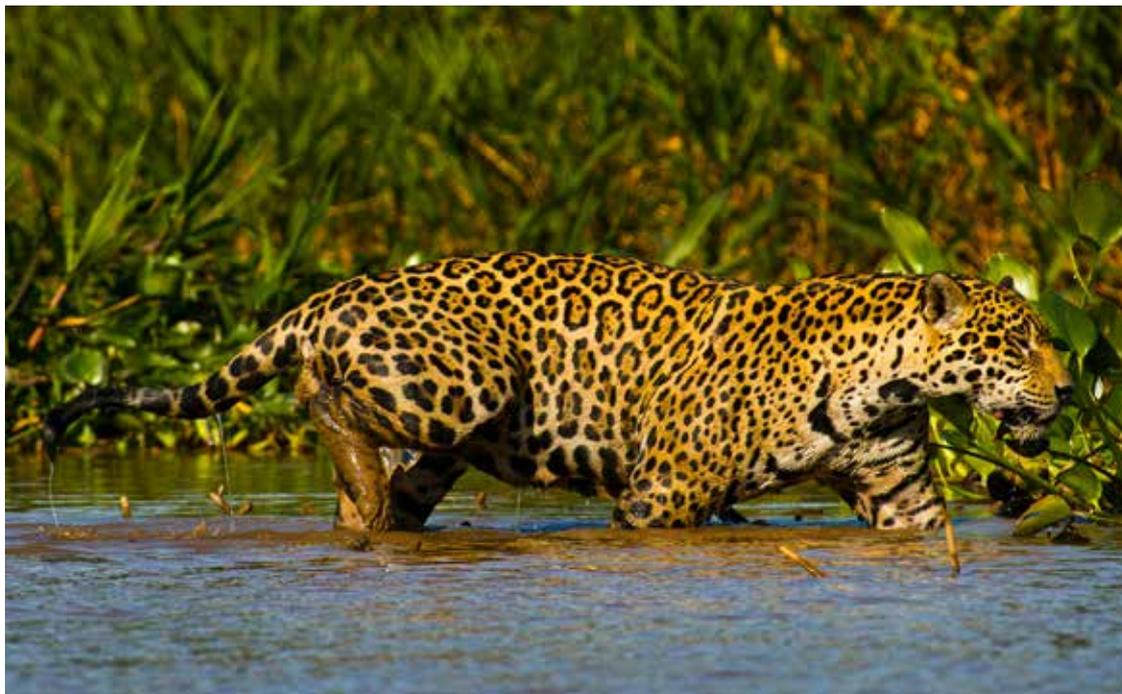


Foto: Nascimento Bassous/Wikimedia Commons

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

Coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente, o Programa Áreas Protegidas da Amazônia (ARPA) completou 15 anos em 2017 e é a maior estratégia para conservação de florestas tropicais do mundo. Abrange 117 Unidades de Conservação (UCs), que correspondem a 15% do total da Amazônia brasileira (60 milhões de hectares).

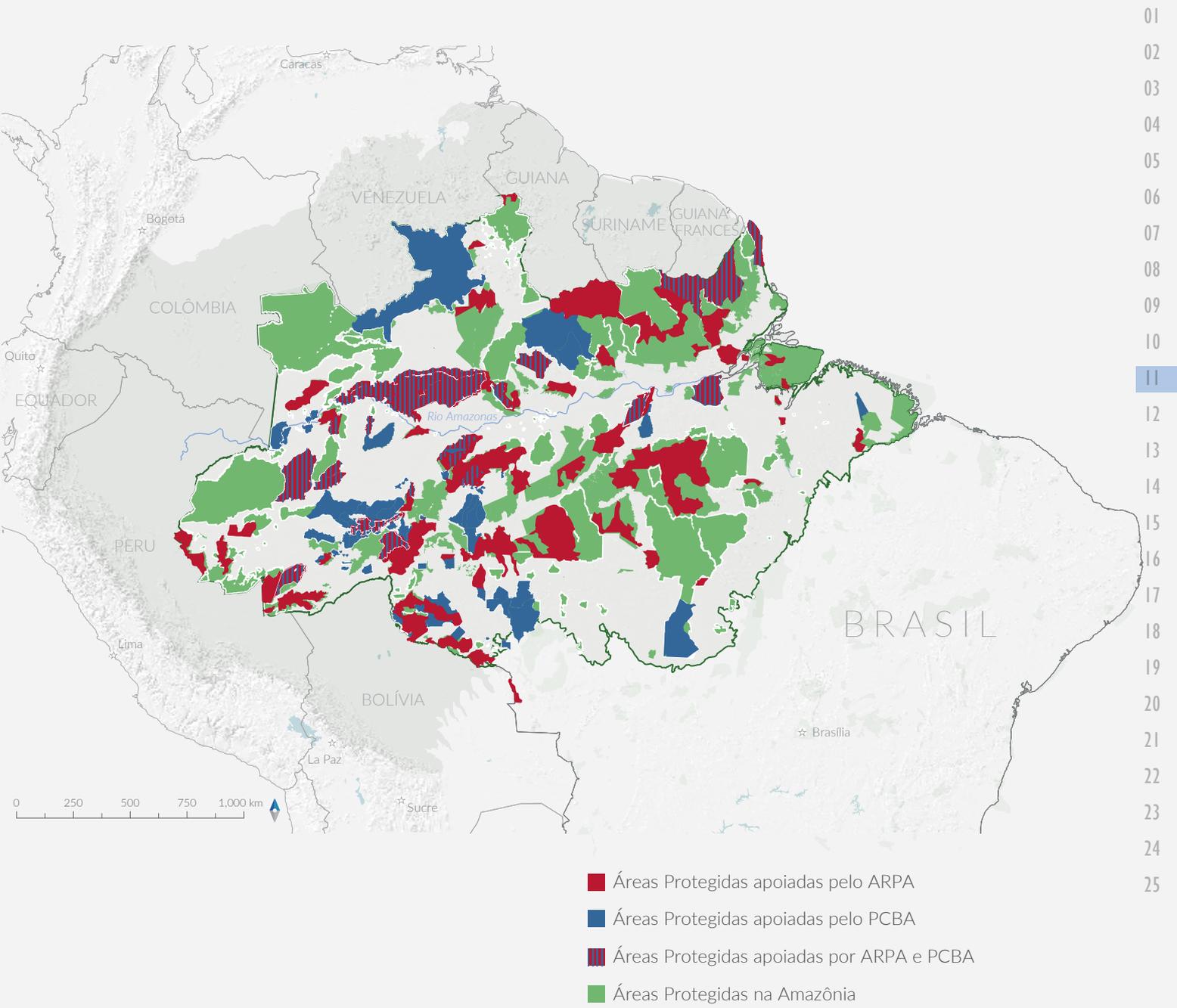
O ARPA trabalha junto a comunidades locais e investe na criação, expansão, fortalecimento e manutenção de Unidades de Conservação, administradas pelo ICMBio. As Áreas Protegidas apoiadas pelo programa são prioritárias para a criação de Conselhos de Gestão envolvendo populações vizinhas, de Planos de Manejo, pesquisa e monitoramento, assim como para integração de atividades com comuni-

dades (no caso de UCs de desenvolvimento sustentável).

O programa contribui diretamente para o cumprimento de compromissos internacionais, como a Convenção para a Diversidade Biológica, na qual o Brasil se propõe a proteger 30% da Amazônia até 2020, preservando 126 milhões de hectares – incluindo áreas particulares e Terras Indígenas (TIs).

A PCBA está alinhada com o ARPA e contribui com o trabalho de efetivar a proteção destas áreas, auxiliando a sua implementação em UCs, complementando o trabalho de preservação em outras categorias de Áreas Protegidas e promovendo desenvolvimento sustentável em áreas apontadas pelo governo brasileiro como prioritárias.

IMPLEMENTAÇÃO DE ÁREAS DE PRESERVAÇÃO

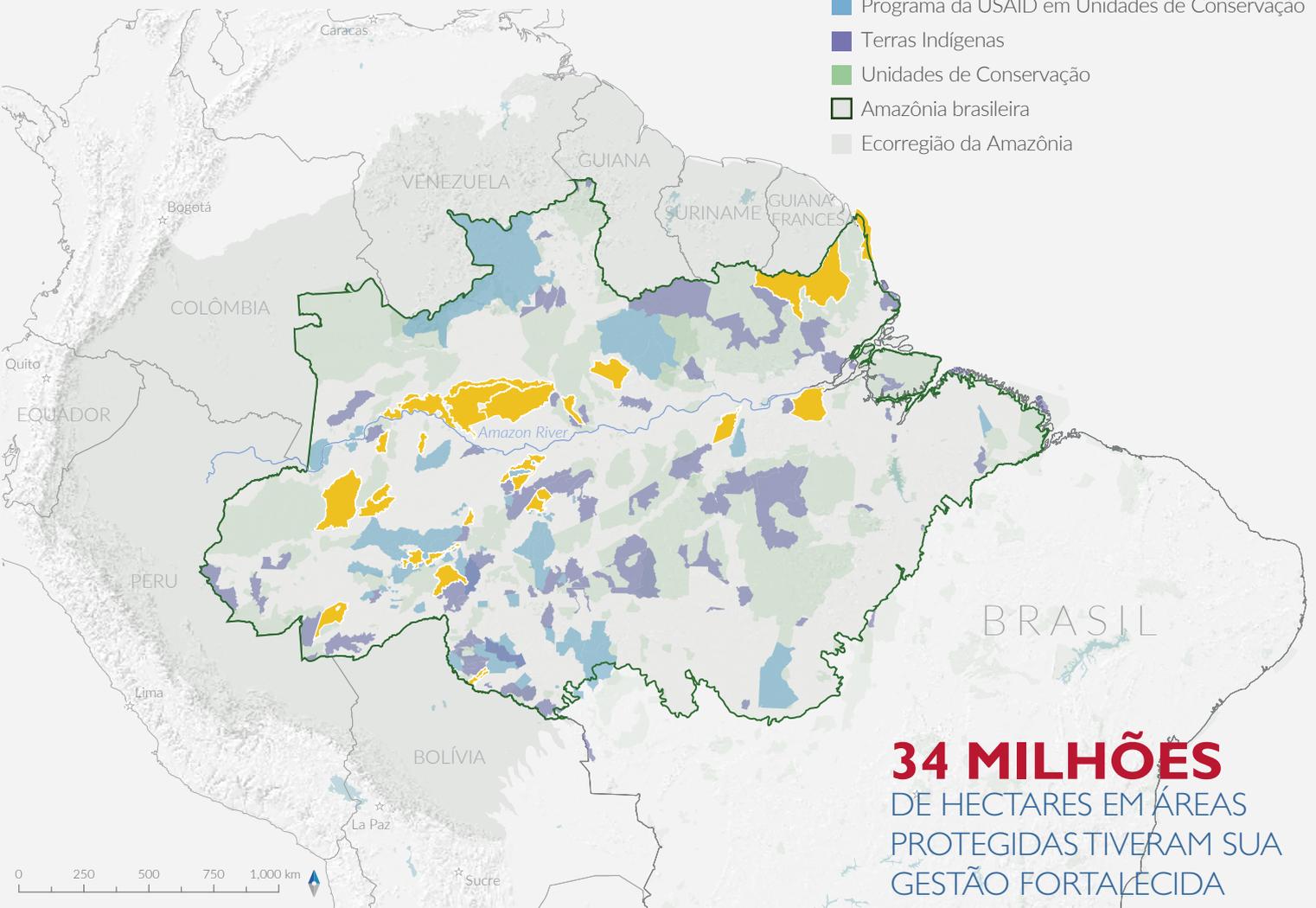


ÁREA DE ATUAÇÃO DO PCBA

**48 ÁREAS
PROTEGIDAS**

Portfólio de atuação - 2017

- Programa da USAID em Terras Indígenas
- Programa da USAID em Unidades de Conservação
- Terras Indígenas
- Unidades de Conservação
- Amazônia brasileira
- Ecorregião da Amazônia



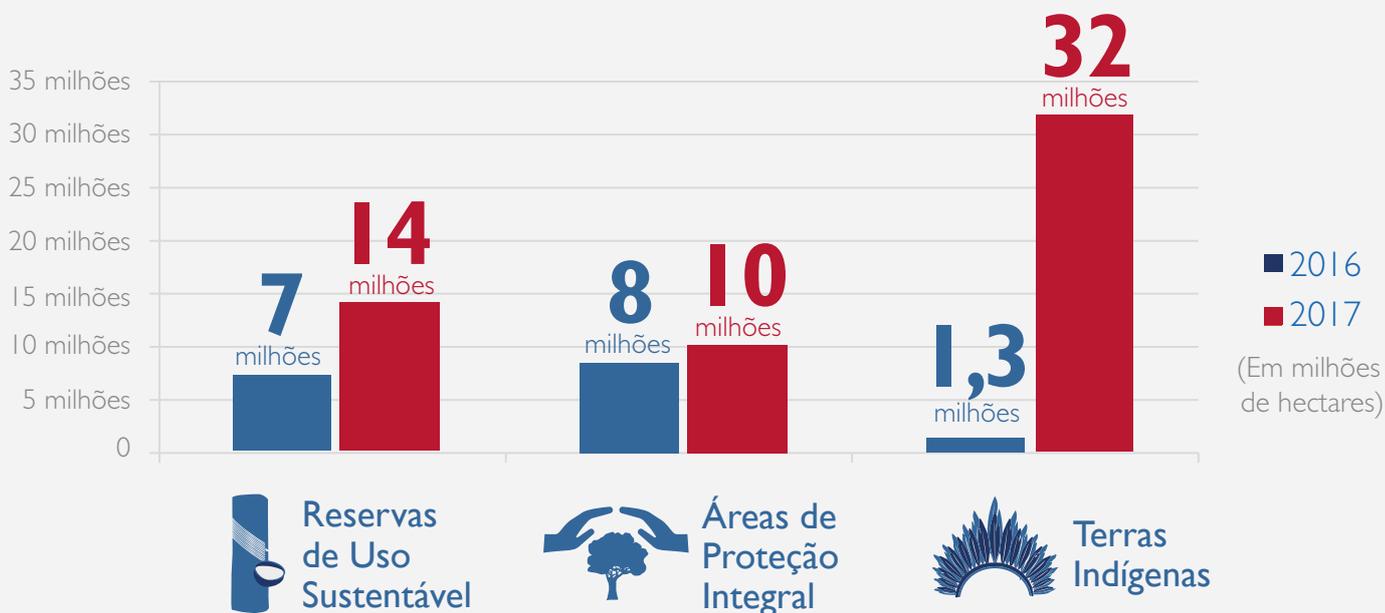
34 MILHÕES
DE HECTARES EM ÁREAS
PROTEGIDAS TIVERAM SUA
GESTÃO FORTALECIDA

56 MILHÕES
DE HECTARES APOIADOS

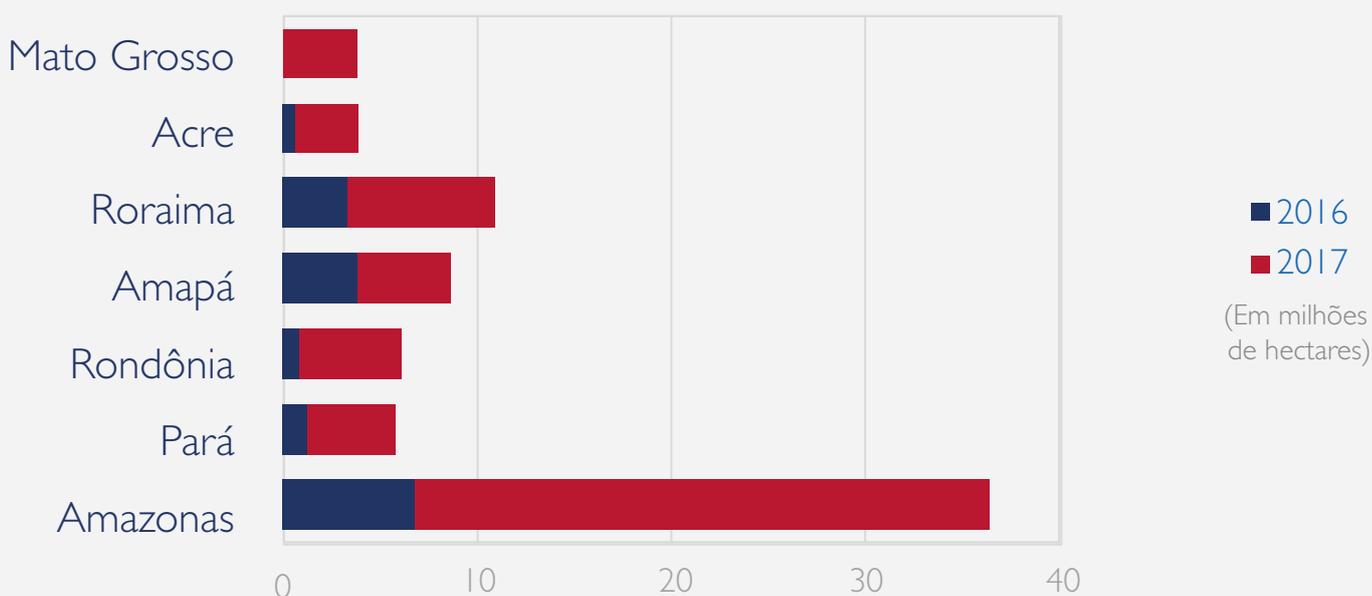
EQUIVALENTE AOS ESTADOS DA
CALIFÓRNIA E NOVA YORK JUNTOS



CATEGORIAS DE ÁREAS PROTEGIDAS APOIADAS PELO PCBA



APOIO DO PCBA EM ÁREAS PROTEGIDAS POR ESTADO



Parceria para a Conservação da Biodiversidade da Amazônia

TEORIA DA MUDANÇA

Impacto de Resultados Previsto

Impacto final

Biodiversidade conservada nas Áreas Protegidas da Amazônia

Impactos de longo prazo

Áreas Protegidas fortalecidas e cumprindo suas funções

Comunidades com melhores condições sociais e econômicas

Impactos de médio prazo

Gestão das Áreas Protegidas aperfeiçoada

Avanços em novas parcerias, tecnologia, inovação, e ciência

Cadeias de Valor sustentáveis fortalecidas

Participação e capacitação das comunidades ampliadas

Resultados

Durante 2017, o consórcio de parcerias do PCBA:

Fortaleceu
33,8 milhões de hectares

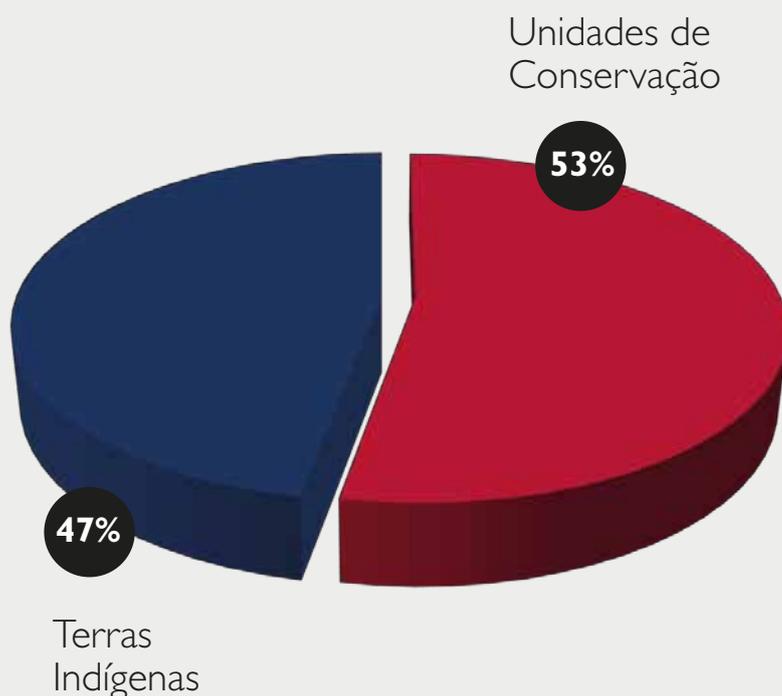
de Áreas Protegidas de grande biodiversidade

Destes,
10,3 milhões de hectares

tiveram melhora comprovada nas condições biofísicas

Do total de Áreas Apoiadas,

47% são Terras Indígenas



1,4 MIL PESSOAS FORAM CAPACITADAS, SENDO QUE 80% ESTÃO APLICANDO O QUE APRENDERAM

26 GRUPOS OU ASSOCIAÇÕES RECEBERAM CAPACITAÇÃO E 61% ESTÃO APLICANDO NOVOS CONHECIMENTOS E FERRAMENTAS

4.208 PESSOAS DAS COMUNIDADES LOCAIS TIVERAM BENEFÍCIOS ECONÔMICOS DERIVADOS DO PCBA

MAIS DE US\$ 906 MIL INVESTIDOS EM CONSERVAÇÃO POR PARCEIROS DO SETOR PRIVADO

Consolidação de Áreas Protegidas

01 **N**o ano de 2017, cinco projetos lide-
02 rados pelos Parceiros Implemen-
03 tadores do PCBA estavam diretamente
04 voltados para a consolidação de Áreas
05 Protegidas em diferentes categorias de
06 Unidades de Conservação (UCs) e em
Terras Indígenas.

07 Estudos demonstram que, entre as
08 diferentes Áreas Protegidas no Brasil,
09 as Terras Indígenas (TIs) são as me-
10 nos afetadas pelo desmatamento ile-
11 gal e seu papel é bastante relevante na
12 conservação dos recursos naturais¹.
13 Um dos componentes da PCBA é jus-
14 tamente apoiar a implementação da
15 Política Nacional de Gestão Ambiental
16 e Territorial em TIs (PNGATI) e
17 seu Plano Integrado de Implementação
18 com metas para o período 2016-2019,
19 que priorizam áreas como governança,
20 participação indígena e proteção terri-
21 torial.

22 No período do relatório o Institu-
23 to Internacional de Educação do Bra-
24 sil (IEB) treinou 444 indígenas, forta-
25 lecendo a implementação do PNGATI
26 em 15 TIs. O IEB fortaleceu sete or-
27 ganizações indígenas capacitando-as
para elaborar ou atualizar planos es-
tratégicos e identificar necessidades

¹ Christoph Nolte, Arun Agrawal, Kirsten Silvius, Britaldo Soares-Filho. "Governance regime and location influence avoided deforestation success of protected areas in the Brazilian Amazon," PNAS Mar 15, 2013. www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1214786110
<http://ipam.org.br/bibliotecas/desmatamento-em-terras-indigenas-na-amazonia-ate-2016/>

na implementação de planos de mane-
jo de seus territórios.

O Serviço Florestal dos Estados Unidos (USFS) promoveu cursos, seminários e intercâmbios de técnicos e gestores de Unidades de Conservação em áreas como planejamento de uso público, e implementação de programas de interpretação, turismo e monitoramento de visitação em Parques e Florestas Nacionais. Além de auxiliar na adoção pelo ICMBio de metodologia *Foundation*, do Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos, aplicada em quatro Unidades piloto na Amazônia para demonstrar a economia de tempo e recursos com seu uso. Durante o ano de 2017, o USFS capacitou 680 pessoas em aprimoramento de gestão de UCs.

O IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas, realiza o monitoramento participativo da biodiversidade em 16 Áreas Protegidas da Amazônia - oito delas em fase de implementação, com o propósito de apoiar o ICMBio na consolidação do Programa Nacional de Monitoramento. O projeto, também apoiado pelo ARPA, é essencial para promover o envolvimento de moradores na gestão e na conservação da biodiversidade e dos recursos naturais nas Áreas Protegidas da região.

A Equipe de Conservação da Amazônia (ECAM), em parceria com o Google Earth Outreach, está ensinando participantes de associações de quilombolas no Pará a utilizar ferramentas digitais para melhorar a gestão territorial.



MONITORAMENTO NO PARQUE
NACIONAL DE ANAVILHANAS,
CRIADO PARA PRESERVAR O
ARQUIPÉLAGO FLUVIAL DO
NORDESTE DO AMAZONAS



Melhoria de condições socioeconômicas

O desenvolvimento de atividades sustentáveis através do fomento de cadeias produtivas de valor na Floresta Amazônica é outro componente importante do PCBA, a exemplo do trabalho desenvolvido por quatro dos parceiros implementadores do PCBA.

Extrativistas e pequenos produtores na Amazônia carecem da organização social necessária para comercializar seus produtos. A falta de infraestrutura de transporte e comercialização e a dependência de atravessadores são alguns dos impedimentos para a estruturação das cadeias eficientes de produção.

As atividades do PCBA incluíram apoio a cadeias de valor de Castanha-do-Brasil, açaí e óleos essenciais, além do manejo de pesca do pirarucu e do manejo florestal comunitário. Através de vários programas, o Serviço Florestal dos Estados Unidos apoiou 3.614 pessoas em 2017 a obterem benefícios econômicos na comercialização de

produtos florestais. Entre elas, estão seis comunidades da Reserva Extrativista Verde para Sempre, no Amazonas. Com o auxílio do USFS, IEB e de uma rede de parceiros locais, comunitários negociaram contratos para vender madeira manejada – e em um dos casos, certificada – garantindo uma renda de US\$ 147 mil e a participação feminina de mais de 50% na liderança da operação.

Juntamente com o USFS, o IEB promoveu com uma gama de parceiros o treinamento Formar Castanha com extrativistas de dois estados para melhorar a qualidade da produção e o acesso à comercialização. Parcerias com o USFS também apoiaram 257 indígenas a adotarem ou ampliarem Sistemas Agroflorestais, manejo de pesca, coleta de castanha e de óleos.

Meta de **25 milhões de ha** de Áreas Protegidas fortalecidas





COLETA DE AÇAÍ
NA FLORESTA



Foto: Arquivo Natura



MANEJO FLORESTAL NA RESEX
VERDE PARA SEMPRE



Foto: Arquivo/IFT

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

PESCA SUSTENTÁVEL DO PIRARUCU

Índios pescadores compartilham programa de sucesso no manejo de peixe ameaçado de extinção

O maior peixe de escamas da Amazônia está ameaçado. O pirarucu, conhecido por sua coloração vermelha, pode alcançar até três metros de comprimento e pesar mais de 150 quilos. A pesca predatória reduziu tanto os estoques que sua pesca foi proibida e só é autorizada pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em projetos de manejo.

Desde 2016, a USAID tem apoiado o desenvolvimento de cadeias de valor de manejo de pesca como parte da estratégia de implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI). Em outubro de 2017, a USAID/Brasil financiou um programa de intercâmbio que reuniu pescadores e índios Kaxinauá do Acre, além de índios Deni e Kanamari do rio Xeruã para observar e aprender

com o projeto de manejo de pesca de Pirarucu dos índios Paumari no rio Tapauá, no sul do Amazonas.

A região de fronteira com a floresta tem enfrentado fortes pressões em várias frentes nas últimas décadas: de grandes obras de infraestrutura, como estradas e hidrelétricas, até mineração e desmatamento ilegal para venda de madeira nobre e abertura de pastos. As comunidades locais precisam de alternativas de subsistência como o manejo sustentável do pirarucu, que agrega valor à floresta em pé. O manejo é uma das formas mais eficientes de unir a geração de renda à conservação da biodiversidade. O projeto em conjunto com a ONG Operação Amazônia Nativa (OPAN) teve tanto sucesso que a OPAN ganhou um prêmio de sustentabilidade, recebido com orgulho por um índio Paumari.

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

O peixe pode ser salgado e sua carne branca e macia é muito apreciada pelo sabor e por ser uma fonte de proteínas de qualidade. Lagos de várzea são o habitat natural dos pirarucus e os Paumaris são tradicionalmente conhecidos por suas técnicas de pesca neste tipo de lago. Eles monitoraram a quantidade crescente de peixes por cinco anos, até que ela chegasse a quase 10 vezes mais do que na primeira medição. Só então, em 2013, eles voltaram a pescar. O projeto foi premiado pelo Ministério do Meio Ambiente e, em 2017, eles começaram a ensinar o que aprenderam.

Durante quatro dias, os visitantes ajudaram na pesca, aperfeiçoaram sua técnica para medir o tamanho dos peixes, pesá-los e limpá-los. Eles também aprenderam mais com os Paumaris sobre o tamanho certo das redes, como usá-las e consertá-las.

Além da OPAN, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), juntamente com a Federação de Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus (Focimp) são parceiros no projeto de manejo do pirarucu, apoiado ainda pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), outra parceira da PCAB.

Segundo Antônio Santos, Secretário-Executivo da Focimp e indígena da etnia Apurinã, este tipo de intercâmbio com

outras comunidades que estão iniciando o manejo do Pirarucu é vital para a conservação da natureza e para a abundância de comida para povos indígenas: “Vai começar no manejo do pirarucu, mas outros animais vão se chegar mais. Peixes e animais de caça. E é isso que os povos indígenas precisam. Ter o peixe e a caça. Vem tucunaré, pacu, surubim. Isso é um exemplo. Se faz a venda do excesso do peixe para comprar leite, açúcar... No mais é comer bem”.

“Dizem que os povos indígenas não produzem nada. Vamos mostrar que estamos produzindo e usando os recursos da floresta”, destacou em referência ao manejo dos Paumaris a outras atividades de extrativismo de produtos florestais. “Nós não estamos destruindo a mata, estamos usando os recursos. Com a floresta em pé, o índio está forte. E sem a floresta, o índio não vive”, afirma.

A pesca manejada dos Paumaris em 2017 foi de 16 toneladas, vendida com o suporte da Cooperativa e entregue no porto de Manaus. Depois de deduzidos os custos, o lucro é dividido entre os 80 indígenas envolvidos em todas as etapas do monitoramento necessário para garantir a pesca sustentável.

O nome pirarucu tem origem indígena. Pirá = peixe e urucum = vermelho na língua Tupi



Foto: Adriano Gambarini/OPAN

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

Parcerias Transversais, Tecnologia e Inovação

01 **O** estímulo e engajamento do setor privado, por intermédio
02 de parcerias transversais, complementa o PCBA. A grande
03 riqueza de recursos naturais aliada à dificuldade de fiscalização,
04 favorece o desenvolvimento do modelo tradicional, onde a ex-
05 ploração destes recursos não leva em conta danos ambientais e
06 impactos sobre as populações tradicionais.

06 O envolvimento do setor privado na economia da região é
07 essencial para criar a base para um novo modelo de desenvolvi-
08 mento com sustentabilidade. Apesar de abrigar a maior floresta
09 tropical contínua do mundo, a Amazônia não é apenas o mar de
10 árvores que vemos nas fotografias aéreas. Há grandes cidades
11 como Manaus (2,1 milhões de habitantes) e Belém (1,4 milhão)²
12 e os 27 milhões de brasileiros que vivem em áreas urbanas ou
13 rurais têm menos renda per capita, educação e menor expecta-
14 tiva de vida do que a média dos brasileiros. O Índice de Desen-
15 volvimento Humano (IDH) da região Norte (uma das cinco do
16 Brasil e que abriga sete dos nove estados da Amazônia Legal), é o
17 segundo menor, depois do Nordeste.

16 A conservação da floresta depende da sua valorização pe-
17 las pessoas que lá vivem. E o envolvimento do setor privado,
18 que busca insumos e expansão de oportunidades de negócios na
19 Amazônia - além de depender de seu capital social, é essencial
20 para garantir que o modelo de desenvolvimento da região se dê
21 de uma forma mais sustentável.

22 **Um estudo de 2014³ mostra que a Amazônia Legal**
23 **(região administrativa que envolve todos os estados da**
24 **região Norte e parte do Maranhão e Mato Grosso) ocu-**
25 **pa 60% do território brasileiro, mas é responsável apenas**
26 **por 8% do Produto Interno Bruto do país.** Reconhecendo
27 essa realidade, a USAID/Brasil acredita que é crucial estimular a
liderança do setor privado na conservação dos recursos naturais
e na direção do desenvolvimento sustentável. Entre as parcerias
já formadas figuram grandes empresas como Google Earth Ou-
treach, Natura, Coca-Cola Brasil, e Ambev.

13 mil
pessoas

beneficiadas com
investimentos de
parcerias com o
setor privado

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

³ Imazon, "Eleições 2014: Oportunidades e Desafios para o Desenvolvimento Sustentável", em <http://bit.ly/2pxyiAW>

PLATAFORMA DE PARCEIROS PELA AMAZÔNIA

Durante 2017, sob a coordenação da USAID, o Centro Internacional para Agricultura Tropical (CIAT) em parceria com o Instituto de Conservação e Desenvolvimento da Amazônia (IDESAM), mobilizou 97 grandes, médias e pequenas empresas com presença na região para lançar a Plataforma de Parceiros pela Amazônia (PPA), com o objetivo de fomentar e compartilhar melhores práticas relacionadas ao desenvolvimento sustentável.

Liderada por 10 empresas, a PPA foi lançada em dezembro e planeja começar a financiar startups que tenham projetos sustentáveis na região a partir de 2018.



Foto: Arquivo/IDESAM

Já em andamento, uma parceria com recursos da USAID e de grandes empresas, coordenada pela SITAWI - ONG pioneira no desenvolvimento de soluções financeiras para impacto social, uniu Coca-Cola Brasil, Natura, associações locais, órgãos federais e estaduais responsáveis pelas duas UCs de Uso Sustentável do Médio Juruá, no Amazonas, e outros atores em atividade na região, para implementar um projeto que visa ampliar as condições socioeconômicas, estruturar cadeias produtivas e fomentar o empreendedorismo entre as comunidades ribeirinhas.

A Natura, maior empresa de cosméticos do país e uma das maiores do mundo, continuou suas pesquisas para produzir óleo de dendê em Sistemas Agroflorestais (SAFs). O projeto SAF Dendê, desenvolvido com parceiros na região de Tomé-Açu, no Pará, vem demonstrando que esse sistema diversificado gera vários benefícios econômicos e socioambientais e pode competir com grandes monoculturas – vilãs do

desmatamento de florestas tropicais em várias partes do mundo.

A parceria do PCBA formada por ECAM e Google tem levado acesso a ferramentas tecnológicas a territórios quilombolas, permitindo que essas comunidades façam seus próprios censos (ODK), mapeiem seus territórios com áreas de produção e florestas (Google Earth Outreach) e não precisem viajar horas e, em muitos casos, dias de barco, para mostrar ao mundo a sua realidade e suas dificuldades: os jovens quilombolas da Calha Norte do rio Trombetas estão aprendendo no projeto a criar canais no YouTube e a produzir conteúdo caseiro de qualidade. Ainda com apoio do ECAM, a iniciativa Origens Brasil da respeitada certificadora brasileira Imaflora, ampliou para 241 o seu leque de produtos da floresta rastreáveis por QR codes, garantindo transparência para empresas e consumidores e melhores preços aos produtores.

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

Tecnologia aplicada

Tecnologia ajuda quilombolas na Amazônia a protegerem seus territórios e planejar o futuro

Oriximiná é o quarto maior município do Brasil. Com uma área de 107,000 km², é maior do que Portugal. No extremo norte da Floresta Amazônica, quase na fronteira com Guiana e Suriname, a grande faixa de floresta tornou-se refúgio de escravos fugindo de fazendas de cacau, açúcar e gado no sul do estado, entre os séculos 18 e 19. Em grupos, os escravos subiram as águas calmas do rio Trombetas – afluente do Amazonas – e foram ajudados por indígenas a vencer as corredeiras que começam quando o Trombetas alcança o oeste do Pará, criando uma barreira para o avanço de expedições de Portugueses enviados para recapturar os escravos fugitivos.

Comunidades semelhantes foram formadas em todo o país e batizadas de mocambos no Pará e quilombos no resto do Brasil. Dados oficiais mostram que 20% dos quilombos estão na região Norte. Os direitos dos quilombolas por suas terras só foram reconhecidos pela Constituição de 1988, aprovada depois do fim da ditadura militar.

Claudinete Colé de Souza nasceu em Boa Vista, uma comunidade de 280 famílias ribeirinhas muito próxima a Porto Trombetas - cidade fundada na década de 1970 para abrigar trabalhadores do que é hoje a maior mina de bauxita do mundo. Tradicionalmente,



CLAUDINETE COLÉ, LIDERANÇA QUILOMBOLA EM ORIXIMINÁ



Foto: Ana Mendes/Agência Pública



Foto: Arquivo ECAM

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

estas famílias viviam da caça, da pesca e da coleta e venda de castanhas do Brasil. “Paramos de plantar mandioca, de fazer farinha e a maioria das pessoas de Boa Vista hoje trabalham na mina, na limpeza ou jardinagem,” conta.

Há dois anos, Claudinete tornou-se a primeira mulher eleita como Coordenadora da Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombos de Oriximiná (ARQMO), sonhando em melhorar a qualidade de vida para quilombolas na Amazônia. Nem todos em Boa Vista e outras comunidades têm acesso a água potável e saneamento e mais de 70% dos quilombolas vivem em situação de extrema pobreza.

Boa Vista foi o primeiro quilombo do Brasil a obter o título da terra em 1990, foi seguido por outros na região, mas quatro comunidades ainda esperam pela titulação. Quando a USAID fez uma parceria com o Google Earth Outreach a ONG brasileira Equipe de Conservação da Amazônia (ECAM) no projeto Novas Tecnologias e Comunidades Tradicionais, os quilombolas de Oriximiná tiveram acesso a ferramentas para desenvolver planos comunitários de gestão com base em metodologias usadas para implementar as políticas de gestão territorial em territórios tradicionais. O projeto garantiu treinamento no uso de smartphones, no desenvolvimento de questionários e na utilização do Google Earth como instrumento para ajudá-los a resolver as questões consideradas mais importantes para eles.

“Usamos o Google Earth para mapear o nosso território e ODK, outro software livre de licença para fazer uma análise detalhada da situação social e econômica das comunidades quilom-

bolos de Oriximiná. Estamos fazendo um censo com perguntas que decidimos ser as mais importantes. E estamos mapeando nossas áreas produtivas e de pesca, ” explica Claudinete. Este processo pode ajudar a acelerar a obtenção dos títulos de propriedade e garantir seus direitos.

Ela conta com orgulho que “pela primeira vez, fomos capazes de ir nós mesmos a campo, falar com as pessoas, fazer perguntas, ouvir as histórias que tinham para contar e transferi-las para os mapas. Através dos anos, pesquisadores chegavam e iam embora e nunca soubemos dos resultados e conclusões de suas pesquisas. Agora somos donos das informações”.

Jovens quilombolas estão sendo treinados pela ECAM em parceria com Google e YouTube e apoio da USAID para criar seus próprios canais e poder mostrar sua cultura para o mundo, preservar a memória dos mais velhos, que ainda se lembram do tempo em que viviam escondidos do resto do mundo.

A primeira análise socioeconômica foi finalizada no final do ano, com dados sobre água, saneamento e educação e Claudinete se prepara para liderar o processo de criação de um plano de gestão da comunidade, que está sendo chamado de Plano de Vida: “Pelos relatórios, vamos saber que problemas são mais sérios, que comunidades precisam de mais ajuda, que famílias são as mais necessitadas. Também vamos poder acessar políticas públicas sem depender de prefeitos ou do governador para assistência. Estamos agora aprendendo a escrever projetos para buscar financiamentos disponíveis”, comemora. ■

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27





Foto: Arquivo/ECAM

Equipe USAID/Brasil

Michael Eddy – Diretor

Anna Tones – Chefe da Equipe de Meio Ambiente

Alexandre Mancuso – Gerente de Programas

Alex Araújo – Gerente de Projetos Ambientais

Alex Alves – Gerente de Projetos e Desenvolvimento de Parcerias

Ana Paula Mendes – Gerente do Programa para Cooperação Trilateral

Cintha Soares – Assistente Administrativa

Bernardo Portela – Analista Financeiro

Socorro Borges – Gerente de TI

Contato:

Embaixada dos Estados Unidos da América no Brasil
Avenida das Nações, Quadra 801, Lote 03
Setor de Embaixadas Sul
Brasília – DF
70.403-900
Telefone: + 55 (61) 3312-7248
E-mail: brazil.info@usaid.gov

Ficha Técnica

Assessoria de Comunicação: Quartzo Comunicação

Coordenação Editorial e redação: Maria Benevides

Suporte editorial: Juliana Nogueira

Revisão Técnica: Michael Eddy, Anna Tones, Alexandre Mancuso

Pesquisa e edição de fotos: Juliana Nogueira

Infográficos: Maria Benevides e Juliana Nogueira

Projeto Gráfico e diagramação: Érica Santos (Estudio G Design)

Tradução: Luiz Hargreaves

Fotos de Capa e Contracapa: Adriano Gambarini/OPAN; Arquivo US Forest Service; Arquivo ECAM; Arquivo IEB; Arquivo Ipê; Vanessa Eyng/ECAM

Fevereiro 2018



Esta publicação está sob a licença Creative Commons (www.creativecommons.org.br), que permite a reprodução e utilização dos textos, desde que citada a fonte.

01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

